

## INTERSECCIONALIDADE: GÊNERO SEXUALIDADE E RELAÇÕES RACIAIS EM EDUCAÇÃO

### *INTERSECTIONALITY: GENDER SEXUALITY AND RACIAL RELATIONS IN EDUCATION*

José Eustáquio de Britto<sup>1</sup>

Lorena Rodrigues de Rodrigues<sup>2</sup>

#### RESUMO

O artigo apresentado tem caráter de revisão bibliográfica, com o objetivo de investigar produções no âmbito da educação, que abordam a temática de gênero, sexualidade e relações étnico raciais. A pesquisa em questão, integra uma pesquisa mais ampla, cujo objetivo é explicitar as repercussões dos processos educativos, vivenciados por jovens LGBTQIA+ negras, na formação de suas identidades. Foram analisadas referências da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, e produções de outras fontes, considerando uma articulação com tema. Os principais pontos observados nos conteúdos analisados, abordam: silenciamento, igualdade, diferença e desigualdade. Ressalta-se a importância dos resultados da pesquisa, apresentadas neste artigo, para construção do conhecimento científico, que coloca em foco, identidades que são posicionadas a

31

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela FaE-UFMG (2008). Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG (2003). Possui especialização em Administração nas áreas de Teoria das Organizações e Gestão de Recursos Humanos pela UFMG (1994) e em Economia do Trabalho e Sindicalismo, pelo Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho (Cesit), da UNICAMP (1995). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (1988). Professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Integra o quadro de pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Relações Étnico-Raciais (NEPER) da FaE-UEMG. Integra o quadro de associados da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED - GT 21). Integra a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). É membro do quadro docente permanente do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* "Educação e Formação Humana", da FaE-UEMG e do Programa de Mestrado Profissional em Segurança Pública e Cidadania, da Faculdade de Políticas Públicas da UEMG. e-mail: [aliberdadeescrita@gmail.com](mailto:aliberdadeescrita@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestranda em Educação e Formação Humana (UEMG). Pesquisadora Bolsista do Programa de Bolsas Institucionais de Pós-Graduação (ProBPG/UEMG). Pós Graduada em Docência no Ensino Superior (Unicesumar). Graduada em Psicologia (Faculdade Pitágoras). Conselheira XVII Plenário Conselho Regional de Psicologia. Coordenadora da Comissão de Orientação Psicologia Gênero e Diversidade Sexual e Comissão de Psicologia Escolar e Educacional da Sub Sede Centro-Oeste do Conselho Regional de Psicologia- MG. Possui formação complementar em Direitos Humanos e Cidadania, promoção e defesa dos direitos LGBTQIA+, direito das mulheres. Experiência de atuação em políticas públicas de prevenção à criminalidade. Atuou como psicóloga clínica, social e no contexto de educação. Desenvolve pesquisas sobre gênero, sexualidade, relações étnico raciais em diálogo com a educação e psicologia social. e-mail: [lorena.0294973@discente.uemg.br](mailto:lorena.0294973@discente.uemg.br).

margem por lógicas hegemônicas. Identifica-se ainda, que, a temática proposta e público investigado, tem sido alvos de ataques e retrocessos advindos de articulações de uma rede de poder ultraconservadora.

**Palavras-chaves:** LGBTQIA+; identidade; raça.

## **ABSTRACT**

*The article presented is a bibliographical review, with the objective of investigating productions in the field of education, which address the theme of gender, sexuality and ethnic-racial relations. The research in question is part of a broader research, whose objective is to explain the repercussions of the educational processes, experienced by black LGBTQIA+ young people, in the formation of their identities. References from the National Association of Graduate Studies and Research in Education, and productions from other sources, were analyzed, considering an articulation with a theme. The main points observed in the analyzed contents address: silencing, equality, difference and inequality. The importance of the research results presented in this article is highlighted for the construction of scientific knowledge, which focuses on identities that are marginalized by hegemonic logics. It is also identified that the proposed theme and investigated public have been targets of attacks and setbacks arising from articulations of an ultraconservative power network.*

**Keywords:** LGBTQIA+; Identity; Race.

## **INTRODUÇÃO**

Tendo como ponto de partida que através da educação, ocorre um processo de formação de identidades, é necessário reconhecer que uma identidade não é composta somente por características de gênero, ou sexualidade, ou raça, sendo necessário considerar o sujeito com todas essas intersecções que o compõe. Assim sendo, em uma pesquisa mais ampla propomos investigar sobre as repercussões dos processos educativos vivenciados por jovens LGBTQIA+<sup>3</sup> negras, na construção de suas identidades, através de experiências contadas por meio de

---

<sup>3</sup> A sigla LGBTQIA+ corresponde a L: Lésbicas, G: Gays, B: Bissexuais, T: Transgênero (se refere a uma identidade de gênero, também chamadas de “pessoas trans”, elas podem ser transgênero (homem ou mulher), travesti (identidade feminina) ou pessoa não-binária, que se compreende além da divisão “homem e mulher”. Q: Quier: Pessoas com o gênero ‘Queer’ são aquelas que transitam entre as noções de gênero, como é o caso das drag queens. A teoria Queer defende que a orientação sexual e identidade de gênero não são resultado da funcionalidade biológica, mas de uma construção social. I: Intersexo A pessoa intersexo está entre o feminino e o masculino. As suas combinações biológicas e desenvolvimento corporal – cromossomos, genitais, hormônios, etc – não se enquadram na norma binária (masculino ou feminino). A:Assexual Assexuais não sentem atração sexual por outras pessoas, independente do gênero. Existem diferentes níveis de assexualidade e é comum essas pessoas não verem as relações sexuais humanas como prioridade. O símbolo + diz respeito à inclusão de outras

escrevivências<sup>4</sup> desses sujeitos, buscando compreender o papel da educação na formação dessas identidades em uma perspectiva interseccional. O conceito de escrevivências foi estabelecido por Conceição Evaristo, e tem sido utilizado também como instrumento metodológico no meio científico.

Todavia, para tornar possível a realização da pesquisa com tema proposto, a construção de um artigo de caráter de revisão bibliográfica torna-se fundamental, a fim de conhecer produções acadêmicas na área de educação, neste sentido a construção deste artigo, tem como objetivo obter conhecimento acerca da produção acadêmica supracitada, sendo que a partir do contato com estes conteúdos, torna-se possível desenvolver uma problematização de pesquisa mais apropriada, bem como identificar possíveis lacunas.

O interesse em pesquisar sobre a temática, advém de observações enquanto mulher lésbica, negra, psicóloga com atuação voltada para o público-alvo desta pesquisa, discente do mestrado de Educação e Formação Humana, a partir de vivências que dialogam com a educação e atores sociais que estão inseridos nesse âmbito, e por perceber, que, justamente nesse contexto as identidades de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis negras e negros se formam e constroem percepções, que podem ser marcadas por discriminação, preconceito, silenciamento, deslegitimação ao decorrer de trajetórias.

Contudo compreendo que a educação, sobretudo no contexto escolar, também pode ser espaço de acolhimento, identificação, socialização, e promover conhecimento, que interfere na compreensão da própria identidade, o que torna possível perceber a relevância de se investigar a respeito.

Escolho essa forma de escrita, e cito esses elementos autobiográficos, tendo como referência e inspiração Glória Ladson-Billings [1994] (2008) que realiza um estudo no livro

---

orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.” Conforme o Fundo Brasil e Reis (2018, p. 13) no Manual de Comunicação LGBTI+, ressalta-se que este manual é uma obra em construção e ainda que para além dessas definições é necessário considerar a autodeterminação do (a) (e) sujeito/a/e.

<sup>4</sup> “Escreviver significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas” (SOARES, MACHADO, 2017 p.206).

Os Guardiões dos sonhos: O Ensino bem-sucedido de crianças afro-americanas, e escolhe quebrar a tradição científica dominante e considerar em seu estudo sua indispensável subjetividade, utilizando seus conhecimentos culturais e experiências pessoais como ferramentas científicas.

Além da autora, outras referências são bases teóricas importantes para essa discussão, como, bell hooks (2019) que discute sobre raça e questões de gênero, educação, entre outros pontos, Guacira Lopes Louro (2014) que fomenta a discussão sobre Gênero Sexualidade e Educação, Judith Butler [1990] (2021) com a teoria Queer, o conceito de interseccionalidade de kimberlé Crenshaw (2002), as discussões sobre racismo, sexismo e desigualdade no Brasil expostas por Sueli Carneiro (2011), Foucault [1976] (2018) que lança luz sobre a temática de sexualidade, bem como relações de poder, entre outras referências.

A fim de tornar viável a “produção de conhecimento novo, relevante teórica e socialmente e fidedigno, ou seja, um conhecimento que preenche uma lacuna importante no conhecimento disponível em uma determinada área.” (LUNA, 2013, p. 15), foi realizada uma busca nos periódicos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), no GT23: Gênero, Sexualidade e Educação e GT 21 Educação e Relações Étnico Raciais, tendo em vista a articulação das obras publicadas nestes Grupos de Trabalho com a temática pesquisada.

É possível reconhecer a ANPEd como primordial para tornar nítido, o que tem sido produzido na área de educação, inclusive para aqueles que partem de outras áreas de outras áreas de formação anterior.

Foram selecionados artigos de três edições de Reuniões Nacionais da ANPEd, são elas: 37ª publicada em 2015 no qual foram encontrados 29 artigos no GT21 e 26 artigos no GT 23; na 38ª reunião publicada em 2017, foram encontrados 23 artigos no GT 21, e 21 artigos no GT 23, na 39ª reunião publicada em 2019, foram encontrados 30 artigos no GT 21, e 22 artigos no GT 23.

Dos 151 artigos encontrados, foram selecionadas para análise, 6, para tal, foi realizada a leitura dos títulos, o que já contribuiu como filtro inicial, em seguida leituras de resumos, e posteriormente leitura completa e análise dos artigos, selecionados tendo em vista a maior

proximidade com o tema. A escolha dessas três edições se deu pelo fato de estas serem as mais recentes, o que contribui para localização temporal do que tem sido publicado no âmbito investigado.

Além da ANPEd foram realizadas buscas, por assunto, nos periódicos da CAPES utilizando os descritores: Gênero, Diversidade, Educação, Raça, neste caso o número de publicações encontrados foi 1.863, e uma desta foi selecionada para análise, sendo essa, a quarta da lista ordenada por relevância, dentre as observadas foi a que apresentou interlocução teórica com o tema investigado, uma vez que abordava questões étnico raciais e de gênero no âmbito da educação, o artigo foi publicado na Revista Espaço Acadêmico em 2011.

Em seguida acrescentei o descritor Interseccionalidade, e o número de publicações encontrados caiu para 186, um artigo foi selecionado para análise, publicado na Revista da FAEEBA da Universidade do Estado da Bahia, sendo este o primeiro da lista também ordenada por relevância, neste caso além da interlocução do tema, chamou atenção o ano de publicação recente: 2019, caracterizando uma produção atual, ambas escolhidas tendo em vista a maior articulação das obras, com a temática pesquisada.

Além dos artigos, a dissertação de Isabella Tymburibá Ellian publicada em 2014 disponível no acervo do site Programa Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação - Universidade do Estado de Minas Gerais, e indicada para leitura, pelo professor orientador desta pesquisa, também foi analisada tendo em vista as contribuições da autora, diante das semelhanças do público-alvo a ser pesquisado, bem como as diferenças, que salientam a existência de lacunas como a que se pretende investigar.

## 1. REVISÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA COM BASE NA ANPED

**Tabela 1. Artigos da ANPED selecionados para análise.**

<b>37º Reunião Científica Nacional ANPEd -2015</b> <b>Plano Nacional de Educação: tensões e perspectivas para a educação pública brasileira</b>		
<b>Autoras e Autores</b>	<b>Título</b>	<b>GT</b>
Mônica Romitelli de Queiroz Mônica Andreia de Oliveira	Cenas de Preconceito Racial: Aproximações do cotidiano com a Educação	GT21
Sandra Maria Machado	Cotidiano Escolar/(Re)Trato Social: Curriculando as Relações Raciais	GT21
<b>38º Reunião Científica Nacional ANPEd -2017</b> <b>Democracia em risco: a pesquisa e a pós-graduação em contexto de resistência</b>		
<b>Autoras e Autores</b>	<b>Título</b>	<b>GT</b>
Felipe Bastos	As distâncias Sociais entre escola e Sujeitos Homossexuais e Sua Interferência na Percepção da Homofobia	GT 23
Jasmine Moreira	Impactos da 'Ideologia de gênero' na Geração de Políticas Educacionais para a População LGBT	GT23
<b>39º Reunião Científica Nacional ANPEd -2019</b> <b>Educação Pública e Pesquisa: Ataques Lutas e Resistências</b>		
<b>Autoras e Autores</b>	<b>Título</b>	<b>GT</b>
Eunice Lea de Moraes	Mulheres Negras, Luta, resistência e Libertação	GT21
Juliane Costa Silva	Nas paredes da escola: Histórias de Estudantes Gays, entre Violências e Subjetividades	GT 23

Fonte: elaborado pelos autores.

### 1.1. Relações Raciais e diversidade no contexto da Educação

Para contribuir nas discussões sobre questões raciais no GT 21 – Educação e Relações Étnico Raciais da ANPEd, destaco, o artigo: **Cenas de Preconceito Racial: Aproximações do cotidiano com a Educação** de **Queiroz e Almeida (2015)**, publicado na 37º Reunião

Nacional, que levanta possibilidades em direção ao reconhecimento e valorização das diferenças.

Utiliza como metodologia a busca por materiais advindos de jornais com o recorte temporal de 30 dias, a partir da publicação de uma notícia que foi uma motivação principal para pesquisa, priorizando materiais que estabelecessem relação entre preconceito racial e educação. Para analisar os resultados foi realizado um levantamento bibliográfico em periódicos da academia na área de educação com recorte temporal de 5 anos, neste foram selecionados referenciais de acordo com o interesse do estudo.

Pensando no título do trabalho, vale ressaltar que cotidiano é entendido por Queiroz e Almeida (2015), como algo que faz parte do presente, que é comum na experiência vivenciada e compartilhada tanto de modo individual como coletivo. Os apontamentos indicados no artigo, corroboram na compreensão das discussões acadêmicas que vem sendo desenvolvidas, no que se refere a questão do preconceito racial, no âmbito da educação, reconhecida como algo que demanda cotidianamente uma resposta que tem caráter de urgência.

Observa-se de acordo com as análises estabelecidas, com base em sustentações teóricas selecionada pelas autoras, uma crítica da diferença reconhecida como problema Candau (2012), bem como necessidade de perceber as desigualdades como sociais e não naturais Andrade (2011), além de apontarem caminhos que ressaltam a importância da valorização da diferença. O que provoca a reflexão acerca da importância de se investigar, a construção de identidades atravessadas por marcadores tanto de raça quanto de gênero e sexualidade, nesse cotidiano marcado por preconceito.

Outro artigo da 37ª reunião da ANPEd, foi o de Machado (2017): **Cotidiano Escolar/(Re)Trato Social: Curriculando as Relações Raciais**, estudo que discorre entre outros pontos, sobre formação de professores, produção e manutenção do racismo no ensino fundamental, destaca que quando se pretende alternativas às questões raciais que se encontram no cotidiano escolar, onde ocorre discriminação de pobres e negros, a formação inicial e continuada de professores é fundamental. Machado (2015) coloca em evidência apontamentos importantes para compreensão sobre o lugar da escola:

É importante salientar que a escola não é o lugar onde nascem as teorias que acentuam o racismo e as demais formas de discriminações. Entretanto, esse espaço educativo tem sido usado há séculos, para através de milhares de laudas de tratados, trabalhos monográficos, dissertativos e outros, justificar o injustificável, as supostas inferiorizações de determinadas classes de pessoas em detrimento de outras (MACHADO, 2015, p.2).

Para além do lugar da escola, onde se reconhece que ocorre inferiorizações de certas classes e pessoas em detrimento de outras, onde teorias acentuam o racismo e outras formas de discriminação. A autora também, aponta a questão da diferença, através da fala de um professor que percebe a diferença como algo “problemático”, a autora analisa que ser diferente é:

Receber um rótulo atribuído a uma pessoa em função de um não pertencimento a um modelo que se pretende hegemônico, previamente estabelecido, geralmente pelo capitalismo, e nesse caso pelo capital estético (MACHADO, 2015, p. 4).

É possível observar deste modo, as implicações da diferença, reconhecida como algo problemático, que reverbera no cotidiano, nas vivências dos sujeitos, no entendimento que constroem sobre si mesmos, inseridos neste modelo que busca ser hegemônico.

Machado (2015) aborda também, a normalidade como obrigatória, e a busca dos sujeitos para ocuparem este lugar, sem que haja possibilidade de êxito, bem como a construção da percepção, da diferença como algo abominável. Vale salientar ainda, a crítica realizada pela autora em relação ao silenciamento, e, a importância de se falar sobre o racismo, uma vez que falar sobre o racismo, não o produz, nem aumenta, tendo em vista que este já existe, e em grande escala.

A produção da autora, argumenta, haja vista as análises fundamentadas teoricamente, a necessidade de reflexão crítica e não somente reprodução de conteúdo, bem como a promoção de uma apropriação crítica desse conhecimento, ressalta que a história do negro no Brasil não deveria ser lida considerando apenas o tronco ou navio negreiro, uma vez que a história do povo negro não começa nesse contexto.

Neste artigo além da questão da diferença, do modelo hegemônico, destaca-se a questão do silenciamento, desigualdade, reflexão crítica do conhecimento, bem como a necessidade de questionar o lugar da diferença como algo abominável, e ainda colocar em pauta, ao invés de silenciar o racismo.

## 1.2 Gênero e Diversidade

Na 38ª da Reunião da ANPED com o título Democracia em risco: a pesquisa e a pós-graduação em contexto de resistência, no GT 23 sobre Gênero, Diversidade e Educação foram selecionados dois artigos para análise, uma vez que trazem discussões validas para o desenvolvimento deste trabalho.

Vale lembrar o contexto político que se instaurava nesse período, em 2016 a presidenta da república foi afastada sem nenhuma comprovação de ter cometido algum crime, fato este que evidenciou riscos para a democracia, posteriormente ocorreu ainda, diante do governo que assumiu o poder, a acessão de posicionamentos machistas, homofóbicos, preconceituosos em diversos âmbitos, conforme é observado pela ANPED (2017).

Diante desse cenário, o artigo: **As distâncias Sociais entre escola e Sujeitos Homossexuais e Sua Interferência na Percepção da Homofobia**, cujo autor é Bastos (2017) elucida distâncias sociais, diversidade sexual, a questão da homofobia e preconceito na escola, o objetivo salientado é o de “compreender dados acerca da percepção da homofobia por parte de sujeitos ligados à escola no que se refere as suas distancias sociais com indivíduos homossexuais” Bastos (2017 p.1) por meio da análise de dados obtidos por uma pesquisa realizada pela FIPE em 2009, que envolveu respostas de professoras, diretoras, alunas, funcionárias e responsáveis.

O autor conclui a urgência de formar sujeitos capazes de perceber a homofobia, que é cotidiana, e assim diminuir as distancias sociais. Destaca a importância do contato e aceitação do outro como um caminho que lhe parece importante para construção de uma educação não homofóbica. Ainda faz um alerta tendo em vista o cenário de violência nas escolas brasileiras:

É urgente perceber como os sujeitos escolares, sejam alunas, professoras, diretoras, e outras lidam com a diferença e a diversidade para que se possa agir na formação de jovens tolerantes a diversidade. É preciso construir um profundo diálogo com a comunidade escolar sobre a diversidade cultural, sobre a igualdade articulada com a diferença, sobre a nossa capacidade de mudança, sobre as classificações sociais ao pensar em educação cidadã para as pessoas. (BASTOS, 2017 p.15)

Observa-se a relevância destas discussões para dar visibilidade ao modo que a homofobia é percebida nas escolas, em uma análise detalhada através da pesquisa.

Nota-se nesta obra as questões da igualdade articulada com a diferença, a aceitação, além da homofobia como parte do cotidiano na escola, são conteúdos importante aqui salientados. Bem como os apontamentos finais, que ressaltam a importância de conhecer como os atores escolares lidam com as diferenças e diversidades, que é um dos objetivos da pesquisa a ser desenvolvida ao longo do mestrado, que visa compreender através das vivências de sujeitos historicamente silenciados suas experiências no âmbito da educação, em um país que conforme é salientado na análise de Bastos (2017) é marcado por um cenário de preconceito.

Observo que para além da questão da tolerância, vale refletir sobre a necessidade de uma educação pautada no reconhecimento das diferenças não como atributos de inferioridade, mas como parte integrante em uma perspectiva horizontal e não hierárquica, em uma realidade que é na verdade heterogênea, marcada por diversidade, todavia é notável que isso não ocorre.

O artigo **Impactos da ‘Ideologia de gênero’ na Geração de Políticas Educacionais para a População LGBT** de Moreira (2017), argumenta que embora exista um imperativo mercadológico pela inclusão de todos, a escola tem sua atuação pautada na ideia de gênero como algo natural, promovendo deste modo, exclusão dos que apresentam “expressões da sexualidade divergente do binário homem mulher cisgênero” Moreira (2017, p.1), destaca que a inclusão escolar é pauta frequente do movimento LGBT, todavia articulações de grupos ultraconservadores, fundamentalistas religiosos, cria um “estado de pânico moral, sustentado pelo pseudoconceito ‘ideologia de gênero’” Moreira (2017,p. 1) tendo como alvo produção

acadêmica, movimentos sociais, os grupos argumentam defender a família e a criança, promovendo deste modo reafirmação do “modelo heteronormativo, machista, misógeno, LGBTfóbico” (2017,p1), a autora salienta a necessidade de desconstrução desses discursos através de pesquisas e práticas acadêmicas.

Moreira (2017) com base nos estudos de Butler (1999), elucida o conceito de heronormatividade como uma forma de exercício de poder, uma vez que suas operações de normalização definem identidades hegemônicas, o que leva percepção de que identidades cisgêneras e heterossexuais sejam reconhecidas como referência, naturalizadas, o que as tornam verdades inquestionáveis. Moreira (2017) afirma que ocorre uma legitimação, manutenção e propagação da heteronormatividade no ambiente da escola, o que reafirma a questão da compulsoriedade tendo como norma a heterossexualidade, cisgêneridade, que torna a escola para população um LGBT, um lugar hostil. A autora evidencia a existência de um pânico moral que avança para além do campo discursivo, e aponta:

Presenciamos o surgimento de uma rede de poder dedicada a combater o avanço das discussões de gênero e sexualidade, com atuação nos campos da política, dos direitos humanos, da academia e principalmente no espaço escolar. (MOREIRA, 2017, p.5)

Por fim, reforça a necessidade de desconstruir esses discursos por meio da pesquisa e práticas acadêmicas em busca de evitar interferências nas produções acadêmicas, e em políticas pública educacionais, e na vida de pessoas LGBT e reforça a relevância dos estudos de Gênero no Brasil e no mundo.

Destaco que ideia de gênero como algo “natural”, é questionado e contraposto por Louro (2014), bem como a importância da pesquisa para desconstrução dos modelos cis heteronormativos, principalmente diante do atual contexto que se instaura, o que vai de encontro aos objetivos propostos com a temática a ser investigada.

### 1.3 Racismo Sexismo e Homofobia

Na 39ª reunião da ANPED que tem como tema: **Educação Pública e Pesquisa: Ataques Lutas e Resistências**, realizada em outubro de 2019, ressalta-se a necessidade de: “Resistências à injustiça, à exclusão, à homofobia, aos racismos, ao autoritarismo.” (ANPED, 2019), tendo em vista os tempos desafiadores, marcados por ataques a educação pública, se trata de uma realidade recente, que segue sendo pauta relevante no âmbito da educação, o que vai de encontro as propostas da temática proposta neste trabalho. Neste acervo foram escolhidos dois artigos para análise, sendo um no GT 23 Gênero Sexualidade e Educação e outro no GT 21 Educação e Relações Étnico Raciais

No GT 21, Eunice Lea de Moraes é a autora do artigo: **Mulheres Negras, Luta, resistência e Libertação (2019)**, que tem como objetivo tornar evidente: “a interseccionalidade das dimensões da opressão econômica, política e ideológica de sistemas dominadores que oprimem mulheres negras” (MORAIS, 2019, p.1) além de levantar reflexões acerca de processos de luta, resistências, organização de mulheres negras, feminismo negro.

A metodologia adotada foi a realização de um levantamento bibliográfico que teve como fundamento obras de algumas autoras feministas afro-americanas e brasileiras, a partir do levantamento a autora buscou realizar uma leitura reflexiva e reflexão crítica. Com base nas análises, ressalta que a luta contra todas as formas existentes de opressão, em uma perspectiva interseccional, relacionadas a gênero, raças, classes, representa contribuição importante na construção do feminismo, o que evidencia a forma que racismo e sexismo estão ligadas a opressão de classe na sociedade capitalista.

Entre as autoras citadas destaco aqui Kimberlé Crenshaw (2002) com o conceito de interseccionalidade, e Sueli Carneiro (2003), a partir da qual Moraes (2019) postula que o sentimento de pertencimento de grupo racial ou étnico advém de uma construção social, cultural, política, além de postular a importância das mulheres negras tem trajetória importante no feminismo, sobretudo no atual momento por evidenciarem a interseccionalidade, demonstra que a opressão de classes da sociedade capitalista está profundamente ligadas ao racismo e sexismo.

Nota-se nesse sentido a presença dos estudos que envolvem interseccionalidade na ANPEd, bem como a evidência da relação entre sociedade capitalista e a existência do racismo e sexismo, o que é fundamental para compreensão das estruturas sociais vigentes.

No GT 23, o Artigo “**Nas paredes da escola: Histórias de Estudantes Gays, entre Violências e Subjetividades**” de Juliane Costa Silva (2019), objetiva discorrer sobre marcas de violências vivenciadas na educação básica, tendo em vista problematizar educação e suas culturas no âmbito da escola, que, em alguns momentos se encontram imersas em uma rede de violências simbólicas e físicas.

Para tornar possível essa proposta, foi adotado um percurso teórico e narrativo acerca de experiências escolares de seis jovens gays, que já estudaram ou estudam em uma escola pública, a pesquisa qualitativa tem caráter autobiográfico, e o instrumento de coleta de dados foi o de narrativas.

Silva (2019) destaca por meio do controle sobre as brincadeiras, é deixado evidente para criança desde muito pequena, que estamos inscritos em uma sociedade binária, e destaca que está será somente uma das primeiras imposições ao corpo infantil, destaca que os corpos falam, e estão condicionadas ao campo do simbólico, e explica:

As crianças vão aprendendo em casa e nas suas relações com outros sujeitos a excluir e marginalizar o estranho, a silenciar sua diferença ou mesmo a cometer a violência com outros colegas. A criança violenta com o colega gay traz as marcas fortes de uma sociedade machista e homofóbica que ensina nossas crianças desde muito cedo a controlar e vigiar seus comportamentos, a não chorar, não ser carinhoso com os colegas, ou mesmo, a ser forte e viril. (SILVA, 2019, p. 2)

A autora ressalta que ainda que a violência deixa marcas na subjetividade das crianças, diante das piadinhas que escutam de colegas e familiares, destaca-se muitas vezes a violência não é nem revelada nem percebida pela própria família. E torna evidente que suas análises a partir das narrativas, são interpeladas por fatores como construções e negações de identidades, silenciamento, estranhamento, observa em certo caso a culpabilização do próprio aluno que sofre agressões, estabelece relação entre as humilhações sofridas pelos alunos e seu

desempenho escolar, ressaltando que a medida em que a escola se torna uma experiência hostil para estes, seus desempenhos escolares não são satisfatórios.

Deste modo torna nítida, a necessidade de ouvir as experiências dos discursos analisados, para compreender quem e para que esses sujeitos estão sendo formados. E conclui apontando que é necessário ver a diferença como uma questão que atravessa a escola, uma vez que o outro compõe o cotidiano escolar, e tentar enxergá-lo na homogeneidade é algo que já não é mais uma possibilidade.

É possível observar neste artigo, novamente, a questão da tentativa de homogeneidade, silenciamento, bem como importância de colocar em foco, vivências de sujeitos que não se enquadram nessa lógica homogênea, o estranhamento diante da diferença, e a necessidade de reconhecê-la como parte do contexto escolar, expectativas de comportamento de acordo com o sexo biológico do sujeito, e o sofrimento advindo dessas percepções, o que torna evidente a necessidade de pesquisar sobre a temática, e ainda abranger esse olhar para outros sujeitos que também são alvos dessas e outras supressões.

## 2. IDENTIDADES E INTERSECCIONALIDADE NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO

**Tabela 2. Obras de fontes distintas**

<b>Modalidade e Título</b>	<b>Autora/s</b>	<b>Fonte</b>	<b>Ano de Publicação</b>
Artigo: Igualdade ou diferença? A questão da diversidade e da identidade na escola	Cláudia Nolácio Maia Lúcia Garcia Ferreira	Revista Espaço Acadêmico V.11	2011
Artigo: A interseccionalidade de gênero, raça e classe em livros didáticos da EJA	Márcia Alves da Silva Renata Kabke Pinheiro	Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, v. 28	2019
Dissertação: Memórias Escolares de sujeitos LGBTQBT: a escola como mediadora das identidades sexual e de gênero	Isabella Tymburibá Ellian	Universidade do Estado de Minas Gerais – Faculdade de Educação – Programa de Pós Graduação em Educação	2014

Fonte: elaborado pelos autores.

O artigo “**Igualdade ou diferença? A questão da diversidade e da identidade na escola**” de **Maia e Ferreira**” (2011), discute sobre diversidade no âmbito escolar, no que se refere a questões de gênero, étnico raciais, diversidade, identidade. A produção tem caráter teórico-científica, e busca salientar as dificuldades da escola ao lidar com tais questões, o que reverbera na construção de identidades. As autoras realizam uma investigação histórica acerca de conceitos de igualdade e diferença.

Apontam diferentes tipos de igualdade, seja ela do ponto de vista legal, onde destacam que todos são iguais perante a lei, e igualdade material evidencia que “todos os sujeitos usufruam dos mesmos direitos e oportunidades”, Maia e Ferreira (2011, p.41). Nesse sentido, realizam uma crítica a noção de neutralidade do Estado, e argumentam que a discriminação ocorre justamente “quando indivíduos são tratados iguais em situações diferentes, e quando diferentes em situações iguais”, Maia e Ferreira (2011, p. 39). Além de perceberem que as construções da classe dominante, revelam exclusão de identidades tais como mulheres e negros, constataam que as desigualdades em geral, estão ligadas a questões de raça e gênero.

Observo que acessar os atores que pertencem a diferentes grupos, historicamente excluídos e estigmatizados, é fundamental para compreender através de suas próprias experiências como essas se constituem e corroboram para formação de suas identidades.

As autoras, também refletem sobre a construção das identidades nas escolas, que ocorre desde a infância, na qual crianças negras são expostas a mecanismos de discriminação, preconceito, racismo, que se revelam:

Nas coisas faladas (apelidos pejorativos, e xingamentos vexatórios), mas também e sobretudo, nos silêncios, nos não-ditos, na invisibilidade e silenciamentos presentes nos currículos, livros e materiais didáticos da escola, nos espaços físicos da escola, no que tange as histórias e culturas dos negros e mulheres, fatores que contribuem para que os alunos negros não possuam referenciais positivos no ambiente escolar para construção de identidades. (MAIA E FERREIRA, 2011 p.45).

Contudo, explicitam que, as diferenças precisam ser reconhecidas, visibilizadas e respeitadas, criticam a ineficiência do universalismo e homogeneização, e que só a partir desse reconhecimento o direito a igualdade na escola se tornará efetivo.

A partir das discussões estabelecidas no artigo é possível observar que a escolha metodológica pautada em uma discussão teórica, lança luz sobre compreensões históricas necessárias acerca de conceitos como igualdade, diferença, além de tornar evidente como as questões de gênero e relações étnico raciais estão ligadas a desigualdade, bem como traz contribuições acerca do papel da escola na formação de identidades e como essa instituição pode reproduzir racismo, sexismo, e como a tentativa de homogeneização, e a neutralidade frente a necessidades distintas contribui na promoção de discriminação. Chamo atenção para o fato de as autoras, mencionarem “mulheres e negros”, e ressaltar a importância de se considerar os sujeitos, com os diversos marcadores de gênero, raça, sexualidade, que fazem parte de suas identidades, e impactam no modo como cada um os experimenta.

Colocando em foco a interseccionalidade no contexto da educação, vale destacar as contribuições das autoras Silva e Pinheiro (2019) que produziram o artigo “**A interseccionalidade de gênero, raça e classe em livros didáticos da EJA**”, materiais que “exercem uma importante influência na formação de estudantes, na constituição cultural e social dos cidadãos e cidadãs”, Silva e Pinheiro (2015, p.44), as autoras utilizam como metodologia a análise de conteúdo, analisaram conteúdo de uma determinada coleção indicada para os anos finais do ensino fundamental, aprovada pelo Plano Nacional de Educação, recomendada para 2014, 2015, 2016, tendo como base perspectivas feministas advindas de estudos de gênero e dialogando com campo da educação (SILVA E PINHEIRO, 2019).

Constatam entre outros pontos, que parece haver um desconhecimento de teorias feministas, e produção de mulheres cientistas em diferentes áreas, além disso as autoras analisam que a forma superficial que as mulheres são abordadas nos livros corroboram para manutenção das “estruturas de poder machistas tradicionais” (SILVA E PINHEIRO, 2019, p.56), destaca-se ainda que:

Em nossa investigação foi possível perceber que, mesmo com os avanços em legislações, no que se refere ao combate a discriminação de gênero, raça e classe, ainda se mantem abordagens conservadoras e discriminatórias, mesmo que de forma bastante sutil, o que demonstra naturalização das desigualdades. As categorias de classe social e raça são demasiadamente invisibilizadas nas abordagens e conteúdos trazidos pelos livros. (SILVA E PINJHEIRO, 2019, p.56)

Nota-se que mais uma vez aparece a questão das desigualdades como algo naturalizado, quase nunca colocadas de forma explícita, mas sim veladas, de forma sutil, além da questão da invisibilidade de certos grupos compostos por pessoas negras e de classe social menos favorecida, e a forma estigmatizada. O que pode ser percebido também, quando se menciona as mulheres, diante do modo como são abordadas, nesse viés ao conhecer o que as autoras postulam, observo que o gênero segue sendo considerado como elemento dispensável, todavia este conceito tem papel fundamental para compreensão de questões centrais da agenda educacional brasileira, conforme sustenta Carvalho (2012).

A Dissertação de Isabella Tymburibá Ellian “**Memorias Escolares de sujeitos LGBTT: a escola como mediadora das identidades sexual e de gênero**” (2014), orientada pelo professor Dr. José Eustáquio de Brito da Universidade Estadual de Minas Gerais, investiga mediações escolares em identidades de gênero e sexuais de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, utilizando como recurso metodológico narrativas desses sujeitos que segundo a autora significa um método relevante na compreensão de mediação dessas identidades, utilizou o recurso de um roteiro de entrevista tendo como base subsídios da entrevista narrativa, que forma gravas e posteriormente analisadas, tendo como sustentação teórica entre outros pontos, a teoria queer, que faz críticas a noção de neutralidade de gênero.

A autora cita a questão do silenciamento, com base em Foucault (1984) e Louro (2000), evidenciando que quando um assunto não é abordado por não ser bem visto, ele é reforçado como indevido o que contribui para manutenção de processos compostos por exclusão e discriminação. Salienta ainda que a heteronormatividade rege as relações de gêneros opostos ou do mesmo gênero, ou seja, faz mais que simplesmente expressar a imposição da heterossexualidade.

Em suas conclusões aponta o corpo como primordial para compreensão de processos advindos de mediações de identidades, no que tange ao espaço escolar a autora destaca a manutenção de padrões heterossexistas e heteronormativos o que dificulta o combate a intimidação advindas da homofobia, além de salientar que embora a escola seja um espaço em que ocorra homofobia, um ambiente heteronormativo e produtor de desigualdades ela também possibilita o encontro de sujeitos com identidades que não se encaixam na norma, transformando-se deste modo em um espaço em que ocorre socialização a autorreconhecimento.

Ponto este que é fundamental, para o desenvolvimento deste artigo de revisão, a questão da escola enquanto espaço de socialização e autorreconhecimento, embora seja reprodutora dos padrões já mencionados, é nesse espaço que ocorre o processo de mediação de identidades, é no contexto da educação que os sujeitos se formam, o que evidencia a necessidade de pesquisar as experiências desses sujeitos nesse contexto, bem como a necessidade de salientar os conceitos de diferença, desigualdade, e silenciamento também presentes na dissertação de Ellian (2014).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do artigo de revisão bibliográfica foi de extrema relevância para compreensão do acerca do que tem sido pesquisado a nível nacional sobre gênero, sexualidade e relações étnico raciais, no âmbito da educação, a compreensão dos contextos nos quais as reuniões nacionais da ANPEd foram realizadas, bem como suas temáticas e artigos analisados que dialogam com o cenário em que se encontravam, além dos outros dois artigos e da dissertação analisada, que contribuiriam para que possibilitar maior compreensão sobre a pesquisa em educação, e ainda fornece aparato teórico metodológico para continuidade da pesquisa proposta.

Diante dos conteúdos analisados, nota-se a presença dos conceitos de diferença, desigualdade, silenciamento, bem como a questão da diversidade, ligada a gênero, raça, sexualidade, e identidades presentes nos estudos desenvolvidos no âmbito da Educação.

Quanto ao termo interseccionalidade foi encontrado nas obras selecionadas para análise, em dois dos artigos, ambos publicados em 2019, sendo em um ANPEd e o outro publicado na Revista FAEEBA.

Foi possível constatar através das pesquisas selecionadas, a existência de uma lacuna, tendo em vista o fato de que, nos estudos em questão, não se abordou experiências de adolescentes LGBTQIA+ negros e negras em uma perspectiva interseccional no contexto da educação, apresentava-se como foco marcadores de raça, ou de gênero, e em alguns casos a intersecção de gênero, raça e classe. No entanto, em nenhum conteúdo selecionado, abordou-se o público-alvo e objetivo deste estudo, todavia é notável a existência desses sujeitos, bem como a necessidade de se colocar em pauta essas experiências, justamente com o objetivo de tirar do lugar do silêncio, do estranho, da diferença como problema, e percorrer o caminho da valorização dessas diferenças.

Indo ao encontro com essas exposições, Ladson-Billings (2008) aponta que, não enxergar as características étnico raciais do aluno, corresponde a não o enxergá-lo, vale refletir também, que, sujeitos são perpassados por marcadores de gênero, etnia, classe, sexualidade, e que essas múltiplas identidades se interferem, se articulam, provocando deste modo distintas posições Louro (2014). Sendo assim observa-se a necessidade de considerar os eixos de subordinação de gênero, raça, sexualidade em busca de capturar as consequências estruturais, dinâmicas entre esses eixos, que estruturam as posições desses sujeitos Crenshaw (2002), tendo em vista o conceito de interseccionalidade.

Nas obras mencionadas nota-se em comum a percepção da necessidade de desenvolver pesquisas sobre as temáticas envolvem relações étnico raciais, gênero e sexualidade, tendo em vista a urgência de se desconstruir determinadas verdades que foram impostas e legitimadas, em detrimento de histórias silenciadas, em uma tentativa de homogeneização em uma sociedade composta por diversidade.

Observo com base no artigo de revisão desenvolvido, o conhecimento científico como uma ferramenta fundamental, pautada em métodos, capaz de questionar, e se opor aos ataques propagados por uma rede de poder ultraconservadora, que promovem discursos machistas,

racistas, LGBTfóbicos, que geram retrocessos, e culminam na legitimação da violência, manutenção das desigualdades, e da diferença reconhecida como problema.

Ressalta-se ainda o papel da educação de promover “uma problematização que terá de lidar necessariamente, com múltiplas e complicadas combinações de gênero, sexualidade, raça, etnia” Louro (2014 p.69), e com isso torna-se nítido a necessidade retirar do lugar da margem, para colocar no centro, sujeitos que, na verdade, também são protagonistas da educação. Contudo vale salientar que, embora seja possível constar a pressão exercida para o silenciamento de suas identidades, ocorre que estes sujeitos se afirmam no contexto escolar a partir de diferentes estratégias, o que evidência uma importante dimensão a ser investigada.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marcelo. Sobre pluralismo, verdade e tolerância: diálogos epistemológicos e éticos para a educação Intercultural. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1087-1103, out.-dez. 2011.

ALMG Assembleia Legislativa de Minas Gerais. 2021. **Governador veta proposta que pune discriminação sexual**. Publicado em: 20 de setembro de 2021. Disponível em: [https://www.almg.gov.br/acompanhe/noticias/arquivos/2021/09/20\\_minas\\_gerais\\_veto\\_orientacao\\_sexual](https://www.almg.gov.br/acompanhe/noticias/arquivos/2021/09/20_minas_gerais_veto_orientacao_sexual). 2021. Acesso em: 21 jan. 2022.

ANPED. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. 38ª Reunião Nacional da ANPEd: **Democracia em risco: a pesquisa e a pós-graduação em contexto de resistência**. São Luís – MA. ANPED. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/reuniao>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ANPED. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. 39ª Reunião Nacional da ANPEd: **Educação Pública e Pesquisa: ataques, lutas e resistências**. Niterói – RJ. ANPED. Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/39reuniao>. Acesso em: 10/10/2021

ANPED. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **Grupos de trabalho**. Rio de Janeiro: ANPED. 2021b. Disponível em: <https://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho>. Acesso em: 18 ago. 2021.

BASTOS, Felipe. **As distâncias sociais entre escola e sujeitos homossexuais e sua interferência na percepção de homofobia**. 38ª Reunião Nacional da ANPEd – 01 a 05 de outubro de 2017 – UFMA – São Luís/MA. Disponível em: [http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT23\\_1171.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT23_1171.pdf). Acesso em: 28 jul. 2022.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero e subversão da identidade**. 21ª ed. Tradução: Renato Aguiar Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2021.

BUTLER, Judith. Preface 1999. In: Judith Butler (Ed.). **Gender trouble feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1999b.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em Direitos Humanos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012.

CAPEs. **Portal de Periódicos da Capes**. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?>. Acesso em: 01 de ago. de 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro. – Consciência em debate/ coordenadora Vera Lúcia Benedito. 190 p. 2011.

51

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: **Gedeles** 2003. S.D Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 10 out. 2022.

CARVALHO, Marília Pinto de. **O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula**. Revista de Educação Pública (UFMT), v. 21, p. 401-412, 2012.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. Tradução de Liane Schneider Revisão de Luiza Bairros e Claudia de Lima Costa. In: **Estudos Feministas**. p.171 – 188. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 jul. 2021.

ELLIAN, Isabella Tymburibá Ellian. **Memórias Escolares de sujeitos LGBTT: a escola como mediadora das identidades sexual e de gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação Humana) Faculdade de Educação. Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte – MG, 2014.

FOCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal. 295 p. 1984.

FOCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. [1976] 2018.

HOOKS, bell. **Anseios: Raça, Gênero e Políticas Culturais**. Tradução: Jamille Pinheiro. São Paulo, Elefante. 448 p. .2019.

LADSON-BILLINGS. Gloria. **Os guardiões de sonhos – O ensino bem-sucedido de crianças afro-americanas**. Tradução: Cristina Antunes. Coleção Cultura Negra e Identidades. Belo Horizonte. Editora Autêntica. 200 p. [1994] 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes. 184 p. 8ª reimpressão 2020. 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade**. In: Louro, G. L. (Org.) O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte. 174 p. 2000.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2013.

MACHADO, Sandra Maria. **Cotidiano escolar/(re)trato social: curriculando as relações raciais**. In: **Educação e Relações Étnico Raciais**. 37ª Reunião Nacional da ANPED. Florianópolis. 2015 Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT21-4291.pdf>. Acesso em: 15/06/21.

MAIA, Cinthia Nolácio de Almeida; FERREIRA, Lúcia Gracia. **Igualdade ou diferença? A questão da diversidade e da identidade na escola**. Revista Espaço Acadêmico, v. 11, n. 127, p. 38-47, 10 ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13351>. Acesso em: 12/07/21.

MORAES, Eunice Lea de. **Mulheres negras: luta, resistência e libertação**. In: **Educação e Relações Étnico Raciais**. 39ª Reunião Nacional da ANPED. Niterói-RJ 2019. Disponível em: [http://39.reuniao.anped.org.br/wpcontent/uploads/sites/3/trabalhos/4553TEXTO\\_PROPOSTA\\_COMPLETO.pdf](http://39.reuniao.anped.org.br/wpcontent/uploads/sites/3/trabalhos/4553TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf). Acesso em 30/07/2021.

MOREIRA. Jasmine. **Impactos da ‘ideologia de gênero’ na geração de Políticas Educacionais para a população LGBT**. In: **Gênero, Sexualidade e Educação**. 38ª Reunião Nacional da ANPED. São Luís - MA. 2017.

QUEIROZ, Mônica Romitelli de.; ALMEIDA.; Mônica Andréa Oliveira. **Cenas do preconceito racial: aproximações do cotidiano com a educação**. In: **Educação e Relações**

Étnico Raciais. 37ª Reunião Nacional da ANPED. Florianópolis. 2015. Disponível em:  
<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT21-4430.pdf>.

REIS, Toni., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI. GayLatino, 2018. Disponível em:  
<http://www.grupodignidade.org.br/wpcontent/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso: 10 dez. 2022.

SILVA, Julian Costa. **Nas paredes da escola: histórias de estudantes gays entre violências e subjetividades**. In: Gênero, Sexualidade e Educação. 39ª Reunião Nacional da ANPED. Niterói-RJ. 2019.

SILVA, Márcia Alves da.; PINHEIRO, Renata Kabke. **A interseccionalidade de gênero, raça e classe em livros didáticos de EJA**. Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, v. 28, n. 54, p. 43-58, 30 abr. 2019. Disponível em:  
<https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/6180>. Acesso em 19 jul. 2021.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017.